

acendem e a água reflete um brilho trêmulo, fantástico. Lembro-me de uns versos que li não sei onde:

*Cuidado ó minha Dor, não sejas tão hostil.
Reclamavas a Tarde; ei-la que vem descendo:
Cobre a cidade tôda uma treva sutil,
A uns trazendo a inquietude, a outros a paz trazendo.*

Gostaria de ser um poeta e pôr nos meus versos tôda a solidão e angústia do mundo.

Hoje ela telefonou. Chorava. Ouvi um soluço que deixou escapar. Prometi-lhe ir vê-la amanhã, mas não irei. Tenho pena, mas que posso eu fazer? Afinal, não sou apenas eu que me aborreço com a vida, não sou apenas eu que tenho problemas. Nem todos vivem como querem e, isso não deixa de ser um consôlo. Mas não é uma solução. O mundo inteiro em desespêro não me deixaria mais conformado.

Há quanto tempo estarei aqui? horas talvez. Não sinto passar o tempo. Há pouco, uma mulher muito pintada, cheirando a perfume barato, aproximou-se de mim e pediu-me um cigarro. Eu não fumo, ela afastou-se sem dizer palavra.

O frio torna-se mais intenso. Ando um pouco. A cidade agora está quase silenciosa e algumas luzes apagaram-se. Os carros passam rápidos para lá e para cá. Há pouca gente na rua, só nos bares e casas noturnas ainda resta algum vida. Sinto-me cansado. O relógio do edifício do Correio marca quase uma da madrugada. É tarde, volto para casa.

REALIDADE OU PESADELO?

Madrugada. O relógio da sala bateu três horas. A noite arrastava-se com lentidão. Não conseguia dormir. Virava-se e revirava-se na cama e o calor sufocante tornava-lhe o corpo pegajoso de suor. Ainda tinha nos ouvidos a angústia daquele grito, e o remorso, aquela sensação de culpa que o atormentava, espantava-lhe o sono.

Aproximava-se a noite. Aquêlo recanto afastado da cidade estava praticamente deserto. Êle vira apenas uma mulher sentada na margem empedrada do rio, olhando a corrente barrenta que arrastava detritos e plantas aquáticas. Passou sem lhe dar importância. Alguns passos adiante, o ruído de alguma coisa caindo na água e o grito penetrante por entre gorgolejos angustiados, fizeram com que êle se voltasse. Já não viu a mulher. Olhou instintivamente a correnteza suja, ela debatia-se na água. Subiu à margem empedrada do rio, mas hesitou em atirar-se e a mulher distanciava-se rapidamente. Desapareceu ao longe, num emaranhado de plantas levadas pela correnteza. Por que não se jogara? Não se julgava um covarde, mas estranhava a sua própria atitude. Olhou em torno vendo se alguém o observava. Ninguém na rua. Começou a caminhar apressadamente, apertando mais e mais o passo, acabando por correr desesperadamente como se alguma coisa o perseguisse ou quisesse fugir da própria sombra.

Na sala de jantar, o irmão lia o jornal do dia. Precisava contar aquilo a alguém. Era uma necessidade, tinha que desabafar. Mas o irmão estava tão absorto na leitura... Mesmo assim arriscou:

— Uma mulher suicidou-se hoje.

O irmão não respondeu. Continuava atento à leitura, o jornal aberto à sua frente. Mas o outro precisava exteriorizar a sua angústia e tentou outra vez:

— Uma mulher suicidou-se hoje.

O irmão, com ar aborrecido, falou por entre os dentes:

— Isso acontece todos os dias. E continuou a ler.

Precisava contar a alguém, alguém tinha que o ouvir. Sabia que se sentiria melhor depois de haver contado aquilo. Não conseguia afastar da cabeça a lembrança da mulher sendo arrastada pela corenteza. Por que não se jogara? Talvez tivesse conseguido salvá-la... E procurava justificar-se: — A corenteza arrastou-a muito depressa... Mas isso não o convenia e aquêlê sentimento de culpa roía-lhe a alma.

Caminhou até à porta. Lá fora a noite cobria tudo de negro. Precisava desabafar, tirar do peito a carga esmagadora.

Sairia e contaria aquilo ao primeiro vagabundo que encontrasse. Depois poderia voltar para casa. Andou um pouco pela rua. Estranho: não havia ninguém. A rua estava completamente deserta. Começou a apoderar-se dêlê um grande pavor. Olhava assustado o negror acentuado das sombras das árvores, o menor ruído sobressaltava-o. Um verdadeiro pânico dominou-o e êle correu para casa como um louco fugindo do invisível.

Talvez pudesse encontrar sossêgo no esquecimento do sono. Deitou-se, mas não conseguia dormir. Os ruídos da noite perturbavam-no, o relógio da sala batia as horas e aquelas pancadas ressoavam-lhe lùgubrememente nos ouvidos como um som triste e distante que viesse de um outro mundo. O suor tornava-lhe o corpo pegajoso. O que teria sido feito da mulher? Teria se jogado de propósito ou caído acidentalmente à água? Naquela corenteza, dificilmente escaparia. E o remorso de nada ter feito para a salvar queimava-o por dentro. Levantou-se sem saber para quê e na escuridão, tropeçou numa cadeira que tombou com estrépito. Assustou-se, ficou parado no meio da casa sem conseguir mover-se, a respiração suspensa, o coração batendo como louco. Voltou às apalpadelas para a cama.

Saiu, ainda as brumas da madrugada empanavam o ar. Sentia-se melhor com a manhã. Ninguém na rua. Caminhava mecânicamente sem saber para onde e, surpreso, foi dar consigo à beira do rio, exatamente no local onde vira a mulher na tarde

anterior. Como fôra parar ali? Que misteriosa fôrça o arrastara?

O sol dissipou as névoas da madrugada. O mundo acordava, algumas pessoas surgiram na rua, procurando os seus destinos. Olhou o rio, agora passando lentamente, a água quase limpa. A luz da manhã feria-lhe a vista, mas uma sensação de bem-estar dava-lhe um enorme alívio. Já não sentia aquela angústia da noite anterior. Podia respirar livremente. Envolvia-o uma grande tranquilidade e diante da paz daquela manhã, lembrando-se do tormento da noite, não pôde deixar de se perguntar:

— Teria acontecido realmente, ou tudo não passou de um pesadelo?